

A SÍNDROME DE PETER PAN NA CONTEMPORANEIDADE

THE PETER PAN SYNDROME IN CONTEMPORANEITY

VIVIANE REGINA ANDRADE **NASCIMENTO**¹, JHAINIEIRY CORDEIRO FAMELLI **FERRET**²

1. Aluna do Curso de Graduação de Psicologia da Faculdade Ingá; 2. Psicóloga. Professora Mestre em Ciências da Saúde, pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do Curso de graduação da Faculdade Ingá.

* Saulo Porto Virmond, nº 884, Maringá, Paraná, Brasil. CEP: 87005-090. psico.andradevih@gmail.com

Recebido em 26/08/2015. Aceito para publicação em 09/11/2015

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal descrever a síndrome de Peter Pan na contemporaneidade. O autor Dan Kiley escreveu sobre a síndrome há mais de três décadas, e na época foi descrita como uma síndrome portada apenas por pessoas do gênero masculino. Atualmente a síndrome é descrita como adolescência prolongada ou até mesmo “geração canguru” que abrange além do gênero masculino, também o gênero feminino como portador destes sintomas que em sua maioria corresponde a imaturidade, ansiedade, irresponsabilidade, solidão, chauvinismo e narcisismo. As causas e sintomas deste problema que estão cada vez mais presentes na vida dos jovens adultos acima de 25 anos. Estes insistem em depender dos pais, mesmo tendo a independência financeira. Isso deve-se ao fato de não ter adquirido a independência psicológica para assumir suas responsabilidades e essa falta de suporte psicológico são os sintomas da síndrome de Peter Pan. A pesquisa realizada foi de cunho bibliográfico e pode-se perceber neste artigo que além das causas e sintomas causados pela criação destes jovens, a sociedade e a economia atual colaboram para que a síndrome se torne algo cada vez mais comum.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência Prolongada, Contemporaneidade, Síndrome de Peter Pan.

ABSTRACT

This article has as main theme the Peter Pan syndrome in contemporaneity. The author Dan Kiley wrote about the syndrome over thirty decades ago, back then it was described as a syndrome carried only by men. Currently the syndrome is described as prolonged adolescence or even “boomerang generation” comprising beyond the male gender, but also the female, in which mostly corresponds the immaturity, anxiety, irresponsibility, loneliness, chauvinism and narcissism. The causes and the symptoms of this problem is increasingly present in life of young adults over 25 years old, which insist on depending on parents, even though the financial independence. This is due to the fact of not having acquired psychological independence to assume their responsible and this lack of psychological support are the main symptoms of the Peter Pan syndrome. The research was bibliographic imprint and can be seen this article

that beyond the causes and symptoms done by the creation of these young people, society and currently economy collaborate with the syndrome to become something increasingly common.

KEYWORDS: Prolonged Adolescence, Contemporaneity, Peter Pan Syndrome.

1. INTRODUÇÃO

A síndrome de Peter Pan (SPP) resulta do estudo de Dan Kiley (1983)¹ e leva esse nome, pois Kiley inspirou-se na obra de J.M. Barrie (1911)² (Peter Pan and Wendy), cuja história se baseia na vida de um menino que não queria crescer. O autor descreve o início de sua descoberta da síndrome quando ainda trabalhava na força aérea e observava jovens adultos de seus vinte e poucos anos com um tipo de comportamento que, segundo a linha de desenvolvimento, seriam mais prováveis em meninos de dez anos.

Como toda síndrome, existe uma série de características para que um indivíduo seja considerado portador da SPP, tais como: são em sua maioria homens com idade de 17 a 50 anos, classe econômica média ou alta, mesquinhos e egoístas em seus relacionamentos.

Sobre o perfil psicológico, Kiley (1983)¹ afirma que eles podem sofrer de um tipo de “paralisia emocional”, que corresponde ao fato de que sentimentos normais como alegria e raiva são aflorados e sentidos de uma forma desproporcional. A alegria transforma-se em histeria, a tristeza em auto piedade, a raiva em fúria etc. Também são indivíduos que tendem a procrastinar seus deveres utilizando-se de defesas, fingindo não se importar com nada. As relações com os pais geralmente são descritas como conflituosas, imersas em raiva e culpa, com sentimentos ambivalentes em relação à mãe e distantes do pai pois acham que nunca conseguirão sua aprovação ou amor, originando aí seus problemas com autoridade.

¹A principal temática da história de Peter relaciona-se com o crescimento, querendo o personagem manter-se sempre criança, para assim evitar as responsabilidades da vida adulta. Escrito por J. M. Barrie em 1911

Na área sexual, o indivíduo que sofre de SPP tende a buscar algum tipo de relação na juventude, porém devido à imaturidade e personalidade difícil vivenciam certas dificuldades nesse campo, quando enfim rompem a barreira da virgindade. De acordo com Kiley (1983)¹ isso ocorreria na faixa etária de vinte anos ou mais. Adultos que sofrem de SPP raramente vão se enquadrar em todas as características descritas acima, podem ter uma ou outra característica acentuada.

Atualmente, a fase adulta tem sido experienciada cada vez mais tarde, tanto por homens quanto para as mulheres, pois os adolescentes relatam não conseguirem enxergar as vantagens de atingir a vida adulta. De acordo com Lerner (2006)³ antigamente navegar era chegar a um porto e ancorar em algum lugar, hoje os adolescentes navegam em si mesmos, já não se tem a promessa concreta do que irão alcançar, sem porto seguro e sem abrigo.

Quando jovem não se pode alcançar a homeostase entre seu mundo interno x externo, não se pode resignificar a realidade psíquica e seus vínculos com o exterior, isso porque ele não está decidido internamente a negar a uma estrutura que até o presente momento lhe forneceu uma relação mais ou menos estável⁴.

É seguro ressaltar que a síndrome de Peter Pan elaborada por Dan Kiley em 1983¹ pode ser restritiva, pois na época o mesmo desenvolveu seu trabalho apenas para o gênero masculino, ele não acreditava que mulheres também se enquadrassem no perfil, atualmente é possível enquadrar as mulheres também com os sintomas descritos acima, mas não com a mesma frequência.

Ao decorrer do trabalho será feita uma descrição sobre a síndrome de Peter Pan nos dias atuais, apresentando os principais motivos pelos quais os jovens tendem a permanecer morando com os pais ao invés de buscar independência. “A consequência final da adolescência seria um conhecimento de si mesmo como entidade biológica no mundo, o todo biopsicossocial de cada ser nesse momento da vida”⁵.

O trabalho desenvolvido tem como base a pesquisa bibliográfica. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”⁶. Gil (1987)⁶ menciona que as pesquisas que desenvolvem algum tipo de análise de diversas posições acerca de um problema, são desenvolvidas quase que exclusivamente de fontes bibliográficas. A pesquisa bibliográfica é um método eficaz que nos permite um amplo material para desenvolver um trabalho científico.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço¹.

Adolescência prolongada

Atualmente os filhos estão saindo da casa dos pais cada vez mais tarde, isso se deve a vários fatores, Henriques *et al.* (2006)⁷ afirma que tudo hoje em dia está sendo permanentemente desmontado, não há mais perspectiva de durabilidade e com isso as experiências de vida estão sendo quase sempre temporárias. “Na modernidade, cada vez mais, os jovens prolongam sua passagem da infância à vida adulta, sendo diversos fatores que influenciam para que isso ocorra”⁸.

Oliveira (2007)⁸ ainda menciona que antigamente a infância e adolescência não eram consideradas partes distintas do desenvolvimento. Antigamente entre os séculos X e XI de acordo com Oliveira (2007)⁸ as crianças eram retratadas nas obras de arte como adultos em tamanho reduzido, e progressivamente entre esse período e o século XVI é que as crianças foram retratadas em suas formas próprias, isso deve-se muito a religião, a exemplo o menino Jesus e dos anjos. Posteriormente a reprodução das crianças é deixada de lado pela religião, e mantém-se pela família. Pode se dizer que a infância e adolescência são criações culturais da Idade Moderna.

A partir do século XIX, segundo Oliveira (2007)⁸ o adolescente recebia um tratamento mais rígido e extremamente autoritário, não devia ter vontade própria e deveria ser passivo frente as suas descobertas, hoje a família compreende que a fase pela qual o adolescente está passando é complicada e acaba sendo condescendente com o mesmo, o que garante espaço dentro da estrutura familiar.

A passagem da adolescência para a vida adulta é algo singular e único para cada indivíduo, essa passagem pode-se considerar como uma definição da identidade adolescente para a identidade adulta.

[...] até a década de 50, os adolescentes imitavam os adultos; após esta época passam a proibir que o adolescente tenha esta postura. Entende-se que nesta época era natural que o jovem trabalhasse, casasse, tivesse filhos, enfim que amadurecesse. Hoje, ocorre o inverso o jovem é cada vez mais estimulado em sua dependência e adolescência^{8,9}.

Essa citação retrata o que está acontecendo nos dias de hoje, os pais que se incomodam com os filhos já adultos em casa, são os mesmos que criaram os filhos para que eles não saíssem de casa.

O ser criança na visão do adulto pode ser vantajoso, de acordo com Homem (2009)¹⁰ o ser criança agrega a sensação de potência, e inúmeras possibilidades.

De acordo Oliveira (2007)⁸ o que se observa é uma adolescência prolongada até os 28/30 anos, pois a convivência com os pais tem seus privilégios, tendo tudo pronto aos seus pés, sem esforço. Até o casamento que antes era esperado pelos pais foi substituído pelo termo “morar junto, mas sem compromisso”.

Pode se compreender o fenômeno do prolongamento da adolescência (extensão e/ou duração maior) como resultado de uma educação confusa da atualidade que perdeu seus parâmetros de como educar um adolescente sem torná-lo dependente e sem superprotegê-lo⁸.

Segundo Henriques *et al.* (2006)⁷ a ideia de família como campo de afeto tem um espaço íntimo e privado cujo objetivo principal é acolher seus membros num ambiente em que os sentimentos serão livremente expressos, sem precisar se preocupar com o ambiente externo. Com isso os jovens acabam por recorrer às suas famílias, excluindo o ambiente externo. Esses mesmos jovens possuem uma visão distorcida da infância, quando pensam na mesma, de acordo com Homem (2009)¹⁰ adotam apenas os bons momentos, esquecem que a infância como qualquer outra fase da vida é dotada de inseguranças, não saber, limitações, porém o desejo de sair do mundo adulto é grande, portanto enxergam apenas as coisas fantasiosas da infância e não ela como um todo.

Uma outra pressuposição associada à representação que os adultos constroem do universo infantil é de que a vida de criança é um maravilhamento esvoaçante quase contínuo, período de graça, leveza e descoberta do mundo. Descoberta essa que se faria pelo *brincar* – na via da construtiva fantasia. E, portanto, ponto importante, um pouco mais livre do “peso da realidade” que – como a expressão revela – implicaria carregar elementos áridos de se entrar em contato¹⁰.

Outro fator que acarreta significativamente para que o jovem adulto tenha uma adolescência prolongada, de acordo com Oliveira (2007)⁸ é o fato da sociedade exigir uma formação continuada, ou seja o adulto precisa estudar cada vez mais para enfrentar a concorrência no mercado de trabalho de uma sociedade capitalista, isso dificulta sua aquisição de independência.

[...] pode se dizer que o prolongamento da convivência familiar – a permanência dos filhos adultos na casa dos pais – afirmar-se-ia como uma atitude de não enfrentamento da sensação de insegurança que afeta os que vivem no mundo de hoje, visto como imprevisível e incerto. A família entendida como lugar da confiança e da conciliação pode representar um ideal de convivência contemporâneo, um valor seguro a que ninguém quer renunciar, um lugar de resistência face a uma sociedade globalizada, sem fronteiras e caracterizada pela ausência, ou pela morte lenta das referências tradicionais estáveis⁷.

Para Oliveira (2007)⁸ os jovens adultos de hoje não têm estabilidade nos empregos como seus pais tinham, mas isso não significa que muitos não tenham condições de se sustentar, entretanto morar com os pais é preferível por causar uma segurança e estabilidade maior em suas vidas.

Se por um lado os pais vislumbram um futuro para os filhos em termos de construção de carreira, por outro, os filhos descreem em um futuro nesse sentido, temerosos

da instabilidade e insegurança geradas pelas transformações operadas nesse domínio⁷.

Pode se compreender, portanto o que a mídia retrata de acordo com Henriques *et al.* (2004)¹¹ como “Geração Canguru”, são jovens adultos de ambos os sexos, com idade acima de 25 anos que por muitas vezes tem condições de morar sozinhos, mas não os fazem pelo conforto e segurança da casa dos pais.

“O ato de sair da casa dos pais, sob o ponto de vista ocidental, significa a porta de entrada para o mundo dos adultos”¹¹, e muitos dos jovens adultos não querem ter essa passagem para a vida adulta. A passagem para a vida adulta implicará em assumir responsabilidades que estes “adolescentes” com mais de 20 anos não estão preparados para assumir.

Em 1983 um psicólogo americano chamado Dan Kiley fez um estudo sobre os adultos que mesmo com estabilidade financeira ainda vivem com os pais, na época Kiley (1983)¹ descreve esse fenômeno como síndrome de Peter Pan, e diz que a síndrome afeta em sua grande maioria homens. Kiley foi de grande importância para os estudos sobre esse fenômeno que hoje em dia engloba tanto homens quanto mulheres.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho apresentado tem como seu principal e único método de pesquisa, a pesquisa bibliográfica, para a realização do mesmo foram utilizadas as plataformas de pesquisa online como a base de dados da scielo e google acadêmico. Utilizando as palavras chaves: Síndrome de Peter Pan, Adolescência prolongada, geração canguru e contemporaneidade. Ao todo foram utilizados oito artigos. Após a consulta com os descritores, foram separados por título e nacionalidade. Foram consultados oito livros que versam sobre o assunto da síndrome de Peter Pan, adolescência e metodologia.

3. DESENVOLVIMENTO

A síndrome de Peter Pan

A síndrome de Peter Pan segundo Kiley (1983)¹, não se trata de uma doença mental, nem tampouco priva o sujeito de viver em sociedade, o portador dela, se não tratado, pode viver em intensa tristeza. A pessoa com a síndrome de Peter Pan prefere não se importar com nada ao seu redor, pois caso aconteça de o indivíduo gostar de alguém pode causar uma perturbação em sua vida. “Prefere a paz e a tranquilidade da bela indiferença”¹.

Kiley (1983)¹ alega que não é possível identificar a síndrome em crianças, pois o nível de maturidade ainda é baixo, começa a ser possível a identificação através das atitudes do sujeito que não condiz com a idade que tem, e sim com uma idade inferior, o indivíduo é imaturo.

Normalmente o nível econômico da pessoa com a síndrome é de classe média para alta. Kiley (1983)¹ diz que o portador da síndrome de Peter Pan quando mais

novo tende a gostar de ir a festas, quando mais velho procura tentar se divertir nas mesmas. Com relação ao perfil profissional o indivíduo com a síndrome de Peter Pan quando mais novo tem ambição para o trabalho, normalmente funciona melhor sob pressão, mas não quer ter que “batalhar” para alcançar seus objetivos. Já quando atinge uma idade superior começa a trabalhar duro em uma tentativa de provar seu valor e por muitas vezes se veem em um emprego que julgam não ser o certo.

Kiley (1983)¹ define o perfil psicológico da vítima da síndrome de Peter Pan em sete traços, que são eles:

Paralisia emocional: as emoções do sujeito não são experimentadas de acordo com seus sentimentos, uma alegria intensa transforma-se em histeria, a raiva por algo pode virar um ataque de fúria e assim por diante. “Acabam chegando ao ponto de aparentemente se recusarem a compartilhar seus sentimentos. Na verdade, perderam contato com suas emoções, e simplesmente não sabem o que sentem”¹.

Procrastinação: ocorre quando jovem, no sentido de adiar seus afazeres até que não tenham que fazer mais nada, porém quando mais velhos culpam-se por ter adiado os afazeres e acabam por realizar tarefas excessivamente, sempre buscando fazer algo.

Impotência nas relações sociais: a vítima tenta fazer amizades, mas sem sucesso, acaba por ficar sozinha e entra em pânico se está só.

Pensamento mágico: “Se eu não pensar nisso, acabará. Se eu achar que é diferente, assim será”¹ (p. 15) são pensamentos frequentes na vida de quem sofre da síndrome de Peter Pan, isso acaba livrando-os de qualquer culpa e assim não precisando pedir desculpas a ninguém. Kiley (1983)¹ ainda afirma que isso frequentemente leva a vítima ao uso de drogas como uma forma de escapar dos problemas.

Conflitos com a mãe: “Raiva e culpa que causam uma enorme ambivalência em relação à mãe. As vítimas desejam libertar-se da influência desta, mas sentem-se culpadas toda vez que tentam”¹.

Conflitos com o pai: de acordo com Kiley (1983)¹ a vítima acaba por se convencer que nunca conseguira a aprovação ou amor do pai.

Mesmo com mais idade, ainda idealiza o pai, não compreendendo suas limitações e muito menos aceitando seus defeitos. Boa parte da problemática da vítima com respeito a figuras de autoridade origina-se nos conflitos com o pai¹.

Conflitos sexuais: a vítima com síndrome de Peter Pan tende a iniciar suas relações sexuais aproximadamente na casa dos 20 anos, isso acaba por constrangê-lo e mentir sobre ter relações antes. De acordo com Kiley (1983)¹ uma vez rompida a barreira da virgindade o indivíduo vai procurar ter relações sexuais com o máximo de parceiras, para provar a si mesmo que é potente.

Sente-se impotente frente a uma mulher com perso-

nalidade marcante. “Anseia partilhar sua sensibilidade com uma mulher, porém nega este lado de sua personalidade por temer que seus amigos o considerem um fraco e não um “homem””¹.

Os sete traços citados acima compõem o perfil psicológico da síndrome de Peter Pan, além destes traços, Kiley (1983)¹ separa também os sintomas de quem tem a síndrome em 6 etapas que serão apresentadas a seguir em uma ordem cronológica, para a melhor compreensão são separadas em uma sequência.

O primeiro sintoma apresentado é a irresponsabilidade. “A irresponsabilidade é a chave para se permanecer criança.”¹ (p. 54) A tarefa de tornar-se irresponsável para a vítima da síndrome de Peter Pan, é considerado como algo simples, deixam seus afazeres de lado e resistem a hábitos civilizados, uma vez que a irresponsabilidade está instalada o indivíduo portador da síndrome de Peter Pan consegue aumentá-la a níveis alarmantes, e emprega um pouco de preguiça, palavras de acordo com Kiley (1983)¹ como “já vou”, “daqui a pouco”, tornam-se frequentes em suas vidas. Kiley (1983)¹ ainda afirma que todos nós experimentamos a irresponsabilidade quando crianças, mas chega um nível em nossas vidas que ultrapassamos essa barreira e a responsabilidade acaba por tornar-se algo comum. E chegamos ao ponto de não poder ser irresponsável.

As vítimas da síndrome de Peter Pan apresentam o problema contrário. Eles não podem evadir-se à irresponsabilidade. É uma armadilha que começa com uma inocente e típica rebelião, mas acaba se transformando num estilo de vida do adulto. Uma peça fundamental do quebra-cabeça da síndrome de Peter Pan é a completa irresponsabilidade, geradora de inépcia nas capacidades básicas relativas ao cuidado de si mesmo¹.

O segundo sintoma que aparece na pessoa com a síndrome de Peter Pan de acordo com Kiley (1983)¹ é a ansiedade, as vítimas são cheias de ansiedade, isso deve-se ao fato dos pais das mesmas possuírem algum problema conjugal, que pode refletir diretamente na criança. “A infelicidade de cada um dos pais tem efeito diverso na criança”¹. Quando isso ocorre o pai se faz de “sujeito duro”, e Kiley (1983)¹ diz que como o pai faz-se de forte dizendo frases como “homem não chora” pode resultar em um retraimento na relação do pai com o filho, e o mesmo enxerga o pai como um enigma, uma pessoa distante da qual o filho jamais será merecedor de amor ou aprovação dele. Já a mãe para Kiley (1983)¹ pode sofrer em silêncio, mas acaba fracassando e exibindo seu sofrimento como se fosse uma “medalha de guerra”, o filho percebendo o descontentamento da mãe tenta culpar o pai, mas não consegue fazê-lo pela busca do amor paterno, e acaba por culpar a si próprio, achando que a mãe pode ter razões para rejeitá-lo. Tudo isso que foi citado acima gera ansiedade na criança e essa ansiedade o acompanha até a vida adulta.

O efeito cumulativo de irresponsabilidade mais ansiedade é uma procrastinação fatalística. Atrapalha muito a capacidade do adolescente de superar sua estagnação emocional. Seu hábito de adiar não somente está muito assentado, como também ele não tem mais esperança de mudar. Está perdido¹.

Para Kiley (1983)¹ os efeitos da ansiedade na vida adulta da vítima da síndrome de Peter Pan é uma sensação aguda de rejeição, pode também estar presentes a raiva e o sentimento de culpa com relação a mãe e do distanciamento do pai.

O terceiro sintoma citado por Kiley (1983)¹ é de solidão, que tem uma ligação com a ansiedade, pois com o sentimento de rejeição dos pais, afetam diretamente a criança quando a mesma se sente indesejada em sua própria casa. A solidão pode ser agravada de acordo com Kiley (1983)¹ quando os pais não dão atenção necessária a criança e “suprem” essa atenção com dinheiro e presentes. Como a criança sente a rejeição na própria casa ela se dispõe a fazer o que julga necessário para pertencer a um grupo de pessoas e com isso acaba sendo facilmente influenciado por outros, por sentir que pertencer a um grupo será sua única chance de contato humano.

Kiley (1983)¹ julga o sujeito com a síndrome de Peter Pan como alguém com anos de irresponsabilidade, portanto sem autoestima, uma ansiedade que gera sentimento de rejeição, e uma necessidade de afirmação através do outro, por não ter uma aprovação no âmbito familiar. E acha sujeitos iguais a eles, “São os errantes solitários”¹ (p. 96)

O quarto sintoma é apresentado por Kiley (1983)¹ como um conflito relativo ao papel sexual.

O conflito relativo ao papel sexual prende os meninos a um padrão comportamental de inatividade. Eles não lidam com a sexualidade de um modo particularmente positivo ou negativo. Simplesmente não conseguem lidar com ela (p. 107)¹.

Kiley (1983)¹ diz que o sujeito com a síndrome de Peter Pan tem dificuldade em lidar com a sexualidade justamente por apresentar um declínio significativo em seu processo de amadurecimento. O medo de rejeição da vítima acarreta ainda mais a dificuldade em relacionar-se com o sexo oposto. Os meninos de acordo com a criação que tiveram, não devem demonstrar seus sentimentos, isso implicaria em realmente sentir algo, e pode desencadear uma possível rejeição de seus companheiros.

Já as meninas têm a total liberdade de acordo com Kiley (1983)¹ demonstrar tanto seu lado feminino quanto masculino de sua personalidade. A mulher pode realizar atividades que são consideradas masculinas sem serem rotuladas de “mulher-macho”. Já os meninos não se permitem chorar em frente a amigos pois podem virar motivo de piada, claro que com apoio familiar eles podem segundo Kiley (1983)¹ romper essa barreira de expectativas rígidas, mas esse não é o caso dos meninos com a

síndrome de Peter Pan o que geram duas opções para os mesmos, ou eliminam a sensibilidade, e outros sentimentos considerados femininos e sentimentos de fraqueza, jamais admitindo que se sentem solitários. Ou conforme Kiley (1983)¹ menciona, abandonam o campo heterossexual e colocam em pratica seu lado feminino junto com certos segmentos da comunidade homossexual. Isso não significa que todos os homossexuais tenham a síndrome de Peter Pan.

O quinto sintoma que Kiley (1983)¹ apresenta é o narcisismo, a vítima da síndrome de Peter Pan tem o narcisismo como uma de suas características, pois pela sua irresponsabilidade apresentada no início deste artigo, o mesmo não se permite sentir culpa. “Admitir culpa seria admitir imperfeição – coisa que simplesmente não pode fazer” (p. 124)¹.

De acordo com Kiley (1983)¹ o narcisismo é um sintoma que protege a vítima da solidão e do medo, portanto algo incapaz da pessoa que sofre dessa síndrome abandona-la.

O homem vítima da síndrome de Peter Pan vive obcecadamente pela busca da perfeição. Quanto mais intensa sua insegurança, mais vívidas suas reflexões críticas e maior sua necessidade de projetar perfeição¹ (p. 123).

Portanto de acordo com Kiley (1983)¹ anos de desamparo e ansiedade e solidão, impedem-no de buscar ajuda para as pessoas que realmente gostam dele. As vítimas da síndrome de Peter Pan experimentam um narcisismo menos grave.

O sexto e último traço que Kiley (1983)¹ nos mostra é o ²chauvinismo a vítima da síndrome de Peter Pan exibe um chauvinismo mais sutil e camuflado. “O chauvinismo na spp é, sob vários aspectos, mais perigoso que o comum. Neste, o sujeito não esconde o fato de crer na existência de dois conjuntos de regras – um para os homens, outro para as mulheres”¹ (p. 135).

Os sintomas citados acima juntamente com os sete traços de perfil psicológico já mencionados neste capítulo pode ser considerado a síndrome de Peter Pan.

O fenômeno da síndrome de Peter Pan foi estudado por outros nomes da área da psicologia como Carl Gustav Jung, citado por Marie-Louise Von Franz (2005) mas não tem o mesmo nome, é chamado de Puer Aeternus, esse nome se dá ao complexo do adulto que quer permanecer criança. “O título *puer aeternus*, portanto, significa “juventude eterna”, mas também o usamos para indicar certo tipo de jovem que tem um complexo materno fora do comum [...]”

Síndrome de Peter Pan na contemporaneidade

Em sua obra Kiley (1983) deixa claro que esse fenômeno atinge apenas homens, essa obra foi escrita há

²Chauvinista (chô), adj. e s. Nacionalista exagerado; pessoa fanática. ” (BUENO, 1996, p. 136)¹²

mais de 30 anos, atualmente a situação mudou e tanto homens quanto mulheres tem medo de crescer e tornar-se adultos.

[...] Crianças e adolescentes descrevem não ver mais vantagens na vida adulta. Nunca antes este medo de crescer foi manifestado tão abertamente como na atualidade: A infância é vista cada vez mais como um território seguro, livre das preocupações, responsabilidades e fracassos típico da vida adulta¹³ (p.192).

Conforme citado acima, ser criança é confortável e livre de responsabilidades. Nos dias de hoje a “adultecência”, nomeada por Escudero (2012)¹⁴ é incentivada pelos até pelos meios de comunicação.

Na grande imprensa muitas matérias têm sido veiculadas, dando nome e detalhes sobre o juvenilização do adulto contemporâneo, tão facilmente identificável no meio social, no meio artístico, entre personalidades da política, do esporte, da música, entre amigos e familiares de cada um de nós¹⁴ (p. 2).

Ainda de acordo com Escudero (2012)¹⁴ os ditos adultos fantasiam-se de seus personagens de cinema para irem a festivais, os chamados *cosplays* (é um hobby que consiste em fantasiar-se de personagens oriundos), os ídolos do século XXI são cantores com mais de 40 anos, fazendo sucesso com suas canções que retratam problemas juvenis e de amores platônicos (ex: Paula Toller, 49, e Lulu Santos, 58). Além do cinema e música, a literatura escolhida atualmente também indica essa infantilidade, “O New York Times Book Review publicou em agosto de 2000 que 30% dos três primeiros livros da série Harry Potter foram comprados por e para leitores que tinham 35 anos ou mais”¹⁴.

Tudo favorece para que o adulto não queria crescer, seja nas músicas, livros, filmes, artes, a pessoa com a predisposição a não assumir responsabilidades sente-se cada vez mais confortável ao tomar essa atitude, pois o mundo está a seu favor. “Para os que estão crescendo é um consolo frente aos temores referentes ao futuro próximo imaginar a adolescência enquanto um tempo de autonomia, porém sem o peso que elas percebem na vida dos adultos”¹⁵.

Escudero (2012)¹⁴ ainda ressalta que o “adultecente” não tem apenas características negativas, como a falta de responsabilidade, instabilidade em relacionamentos etc. para a autora trata-se de um fenômeno ambivalente. “Se os meios de comunicação trabalhassem só com o lado negativo do puer, nem que o eixo principal fosse a juventude, com certeza as pessoas não se identificariam com o personagem, não geraria empatia [...]”¹⁴ (p. 12), a autora utiliza o termo Puer Aeternus, que foi inicialmente citado por Von Franz, em sua obra “a luta do adulto contra o paraíso da infância.”

Existem características, portanto positivas no “adultecente”, mas elas não sobrepõem as características negativas, por mais que o adulto que quer permanecer cri-

ança tenha um jeito de levar a vida de forma mais “leve”, não se importe muito com coisas que para o adulto são significativas, são apenas algumas vantagens dentro de um mundo desvantajoso. Von Franz (2005)¹⁶ descreve a pessoa com o complexo de Puer Aeternus como alguém arrogante.

Em alguns casos, há um tipo de individualismo associativo: sendo alguém especial, ele não tem necessidade de adaptar-se, pois as pessoas é que têm que adaptar-se a um gênio como ele, e assim por diante. Além disso, assume uma atitude arrogante em relação aos outros, devido tanto ao complexo de inferioridade como a falsos sentimentos de superioridade¹⁶.

O fato é que essa adolescência idealizada, e tão saudosa pelos adultos que teimam em permanecer nela, nada mais é do que uma criação mental que apenas existiu nas telas de cinema, “[...] o cinema, pretendendo apresentar ou explicar o que seria a adolescência, ilustra de fato os sonhos adultos sobre a adolescência. Ele nos conta qual adolescente os adultos gostariam de voltar a ser, de ter sido ou continuar sendo”⁹ (p. 79)

Para Kiley (1983)¹ a melhor e talvez mais eficaz cura para esse problema que é a Síndrome de Peter Pan é a realidade. “Como já afirmei anteriormente, o melhor — e talvez o único — remédio contra o pó mágico é a *realidade*”¹ (p. 211).

4. CONCLUSÃO

Atualmente é discutida a questão da Síndrome de Peter Pan na contemporaneidade sem necessariamente chama-la de síndrome, como foi visto no decorrer do trabalho. Alguns autores, como visto, chamam esse fenômeno de adolescência prolongada ou geração canguru. Para outra corrente de pensamento, a denominação é de “a criança eterna” e “Puer Aeternus”, tendo sido adotado o nome de Complexo de Dom Juan para o indivíduo que não quer crescer.

O problema não é “quando começa” a adolescência e sim “quando termina”. Os adultos atualmente encontram dificuldades em saber quando termina a adolescência. O mercado atual favorece o adulto que tem a síndrome de Peter Pan fornecendo todos os produtos adolescentes para os adultos também, tornando-se um fantástico argumento promocional.

O fato é que existem vários nomes, mas o sintoma é o mesmo: adultos que não querem sair da casa dos pais e adquirir independência. Mas este não querer não é necessariamente uma escolha. Ao longo deste trabalho pode-se determinar que a síndrome de Peter Pan não é algo que o sujeito escolhe, são as circunstâncias do meio em que o indivíduo foi criado que o leva a agir de tal forma. Kiley (1983) afirma que se os pais, professores e os adultos envolvidos na vida da criança ajudam-na a lidar com a realidade, os sintomas da síndrome podem facilmente serem dispersos.

Portanto para que este problema possa ser evitado no futuro é necessário ensinar desde cedo tanto meninos quanto meninas a lidarem com a realidade para que quando adultos os mesmos saibam distingui-la e não terem o desejo de ser o eterno Peter Pan.

REFERÊNCIAS

- [1] Kiley D. Síndrome de Peter Pan. São Paulo: Círculo do Livro S.A. 1983; 253 p.
- [2] Barrie JM. *Peter Pan and Wendy*. New York: Charles Scribner's Sons. 1911
- [3] Lerner H. Adolescência, trauma e identidade. Em *Adolescências: trayectorias turbulentas*. Rother Horstein (Comp.) Parte I: Adolescentes y trama sociohistórica. Buenos Aires: Paidós. 2006.
- [4] Rossi A, Rubiolo V. Síndrome de Peter Pan, Trastorno Narcisista de Una Época. 2011. Disponível em: <http://www.aacademica.com/000-052/246.pdf> Acesso em: 12 março 2015.
- [5] Aberastury A, Knobel M. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Trad. S. M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas. 1989.
- [6] Gil AC. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1987
- [7] Henriques C R, Féres-Carneiro T, Magalhães AS. Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. *Paidéia*. 2006; 16(35):327-336.
- [8] Oliveira A. Adolescência prolongada: um olhar sobre a nova geração. *Colloquium Humanarum*. 2007; 4(1):31-45. DOI: 10.5747/ch.2007.v04.n1/h033
- [9] Calligaris C. A Adolescência. São Paulo: Publifolha. 2000.
- [10] Homem ML. A Criança Eterna, *Revista FACOM*. 2009; 21:1-10.
- [11] Henriques CR, Féres-Carneiro T, Jablonski B. A “geração canguru” algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *PSICO*. 2004; 35(2):195-205.
- [12] Bueno S. Minidicionário da língua portuguesa. São Paulo. Ed. FTD. 1996.
- [13] Gastaud MB. Infância, Vida, Morte e Separação: Peter Pan na Cotidianidade, Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade, Porto Alegre. 2007; 03.
- [14] Escudero AP. Geração X: adultos infantilizados – uma análise do fenômeno. DITO EFEITO. UTFPR-CAMPUS CURITIBA. 2012; 3.
- [15] Corso DL, Corso M. A Psicanálise na Terra do Nunca, Porto Alegre: Ed. Penso. 2011; 328.
- [16] Franz ML von. *Puer aeternus*. A luta do adulto contra o paraíso da infância. São Paulo, Paulus. 1992.